

O ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em tempos de pandemia do coronavírus (covid-19)

Teaching and the challenges of use of remote technologies in coronavirus pandemy time (covid-19)

DOI:10.34117/bjdv7n1-587

Recebimento dos originais: 13/12/2020

Aceitação para publicação: 13/01/2021

Priscilla Rodrigues Caminha Carneiro

Mestranda do Programa de Ensino em Ciências da Universidade Federal do Tocantis - UFT, Professora da Univesidade do Estado do Pará - UEPA; Pós-graduada em Saúde Pública e Enfermagem do Trabalho; Bacharel em Enfermagem. Endereço Institucional:

Av. Araguaia, Vila Cruzeiro, S/N, Uepa Campus VII – | 68540-000 | Conceição do Araguaia – PA,

E-mail: priscilla.caminha@mail.uft.edu.br

Janeisi de Lima Meira

Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará, Professor da Universidade Federal do Tocantins, graduado em Matemática. Endereço Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco UMA -

Sala de Atendimento, Campus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO,

E-mail: janeisi@uft.edu.br

Ladislau Ribeiro Nascimento

Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor Adjunto do Curso de Psicologia e do Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins - (PPGECS – UFT). Endereço

Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco UMA - Sala de Atendimento, Campus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO,

E-mail: ladislaunascimento@mail.uft.edu.br

Zayla Miranda da Silveira

Mestranda do Programa de Ensino em Ciências da Universidade Federal do Tocantis - UFT, Tutora do curso de Enfermagem da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, polo de Palmas-To; Pós-graduada em Enfermagem do Trabalho, Educação, Pobreza e

Desigualdade Social; Bacharel em Enfermagem; Endereço Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco UMA - Sala de Atendimento,

Campus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO,

E-mail: zaylla.miranda@mail.uft.edu.br

Andressa Borges Xavier

Mestranda do Programa de Ensino em Ciências da Universidade Federal do Tocantis - UFT, Pós-graduada em gestão pública pela Itec, Pós-graduanda em Oncologia e

cuidados paliativos pela Laboro Bacharel em enfermagem pelo CEULP ULBRA Servidora pública. Endereço Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano

Diretor Norte Bloco UMA - Sala de Atendimento, Campus de Palmas | 77001-090 |
Palmas/TO,
E-mail andressa.bx@gmail.com

Paulyne Pinheiro Soares

Mestranda do Programa de Ensino em Ciências da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Bacharel em enfermagem UFT, Pós graduada em terapia intensiva - Faculdade Laboro. Endereço Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco UMA - Sala de Atendimento, Campus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO, E-mail: paullynepinheiro@gmail.com

Wesquisley Vidal de Santana

Mestrando do Programa de Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Diretor de Gestão e Finanças da SEMED - Dianópolis; Pós graduação em Fisiologia do Exercício e Coordenação Pedagógica. Licenciatura e Bacharel em Educação Física. Endereço Institucional: Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco UMA - Sala de Atendimento, Campus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO, E-mail: wesquisley.vidal@mail.uft.edu.br

ABSTRACT

This essay aims to reflect on nursing education and the challenges for the use of remote technologies in the context of the pandemic caused by the new Coronavirus (COVID-19). We opted for a study based on secondary sources in the relevant literature. The various facets of the training of nurses in the context of distance higher education in Brazil were analyzed, based on a brief historical analysis of the evolution of this activity. In a second step, the current situation of the Coronavirus pandemic (COVID-19) was addressed, which caused in an emergency the need for managers of higher education institutions worldwide to enable new ways to promote education, especially from the use of digital and informational technologies for remote education. Finally, the possible consequences of this modality of teaching-learning practices were analyzed. The conclusions point out that although distance learning applied to the training of nursing nurses is a viable alternative, especially in the pandemic context, this modality should serve as a complement to the face-to-face activities, to guarantee the quality of the training of nursing professionals.

Keywords: COVID-19; Nursing teaching; Technology learning; Distance education.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la formación en enfermería y los desafíos para el uso de tecnologías remotas en el contexto de la pandemia provocada por el nuevo coronavirus (COVID-19). Optamos por un estudio basado en fuentes secundarias en la literatura relevante. Se analizaron las diversas facetas de la formación de enfermeras en el contexto de la educación superior a distancia en Brasil, a partir de un breve análisis histórico de la evolución de esta actividad. En un segundo paso, se abordó la situación actual de la pandemia del Coronavirus (COVID-19), que provocó en una emergencia la necesidad de que los gerentes de las instituciones de educación superior a nivel mundial habiliten nuevas formas de promover la educación, especialmente a partir del uso de tecnologías digitales e informáticas para la educación a distancia. Finalmente,

se analizaron las posibles consecuencias de esta modalidad de prácticas de enseñanza-aprendizaje. Las conclusiones señalan que si bien la educación a distancia aplicada a la formación de enfermeras de enfermería es una alternativa viable, especialmente en el contexto pandémico, esta modalidad debe servir como complemento a las actividades presenciales, para garantizar la calidad de la formación de los profesionales de enfermería.

Palabras clave: COVID-19; Enseñanza de enfermería; Aprendizaje tecnológico; Educación a distancia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se no contexto pandêmico, reconhecido e declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em decorrência de um vírus de síndrome respiratória (coronavírus SARS-CoV-2), denominado de COVID-19. A letalidade do referido vírus levou autoridades de países de todos os continentes ao emprego de estratégias profiláticas, como distanciamento social, fechamento prolongado de escolas, universidades, além do afastamento de milhares de pessoas de seus respectivos locais de trabalho. Tais medidas buscaram reduzir o impacto do surto de COVID-19, iniciado em Wuhan (FONG, 2020).

A pandemia tem causado impactos profundos na educação. As medidas de prevenção incluem o fechamento de instituições de ensino de todos os níveis, em quase todo o mundo (BANCO MUNDIAL, 2020).

Instituições de ensino foram fechadas em mais de 190 países. Governos implementaram medidas para continuar o ensino por meio de plataformas digitais, bem como através de televisão e rádio, no que teria consistido em um experimento de alternativas para o ensino de maior alcance em toda a história da educação (UNESCO, 2020).

Segundo dados da UNESCO, em publicação de 18 de Junho de 2020, cerca de 100 países ainda não haviam anunciado uma data para a reabertura das escolas. Na ocasião, sessenta e cinco tinham planos de reabertura parcial ou total, enquanto trinta e dois terminariam o ano acadêmico de modo online ou remoto (UNESCO, 2020).

Em meio a tantas incertezas, o ensino online foi introduzido de forma emergencial em grande parte das instituições de ensino, sendo um desafio para discentes e docentes. Compreendida como alternativa para reduzir prováveis perdas nos processos de ensino-aprendizagem, a adoção dos dispositivos tecnológicos, digitais e informacionais para o ensino remoto tornou-se uma realidade. Levando em consideração o contexto dos países

em desenvolvimento, incluindo o Brasil, a ampliação do ensino online, em caráter emergencial, suscitou algumas questões. Como garantir o direito constitucional à educação de qualidade frente à pandemia? Vale apontar que, de acordo com dados do IBGE (2018), um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet; ou seja, 46 milhões não acessam a rede (IBGE, 2018).

Diante desta realidade, o presente ensaio visou uma reflexão sobre os efeitos da pandemia no contexto educacional, mais especificamente no ensino superior, na formação de profissionais de enfermagem em nível de graduação.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O ensaio foi realizado a partir de um estudo apoiado em fontes secundárias da literatura pertinente à temática. Consideraram-se artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, além de outras produções atualizadas sobre coronavírus, saúde pública, formação em saúde e tecnologias remotas.

Buscou-se analisar os desafios do uso de tecnologias remotas nos processos de ensino e aprendizagem na graduação em enfermagem. Consideraram-se aspectos positivos e negativos no que tange à educação a distância no referido âmbito de formação profissional, tendo em conta as diretrizes que norteiam a oferta de cursos de Enfermagem em EaD, de acordo com o Ministério da Educação (MEC). Refletiu-se acerca dos argumentos empregados pelos representantes do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e do Conselho Nacional de Saúde (CNS) ao posicionarem-se contrários à oferta do curso de Enfermagem na modalidade EaD, em contraste com a atual crise mundial.

3 PROCESSO HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – EAD

A Educação à Distância – EaD se divide, historicamente, em gerações: a primeira, denominada de modelos de primeira geração, consistia no ensino por meio de correspondências e manuais. As propostas vinculadas à referida geração exerciam função comunicativa. Os modelos de segunda geração, por sua vez, fomentavam práticas de transmissão da informação, utilizando-se de meios de comunicação em massa, como rádio e televisão, além do uso do telefone para o envio de perguntas. Os modelos de terceira geração, finalmente, inserem-se neste contexto que se verifica o o predomínio do uso da teleinformática e dos ambientes virtuais de aprendizagem, tais como o correio eletrônico, a internet, a videoconferência, entre outros dispositivos que vem sendo

utilizados em larga escala, nos mais variados âmbitos e níveis de formação (DE CASTRO SILVA et al., 2016). A modalidade EaD é operada a partir de mediação didático-pedagógica apoiada na utilização de meios e tecnologias digitais de informação e comunicação. Nesta perspectiva, estudantes e professores desenvolvem atividades educativas em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2005).

Registrou-se nos últimos tempos um crescimento da oferta de cursos à distância no Brasil, inclusive de graduação, fazendo com que sejam necessárias mais pesquisas sobre essa modalidade. Uma das maiores barreiras para a implementação de cursos de graduação nesta modalidade é a resistência em relação ao EaD (CORRÊA, 2009). Além disso, entraves associados com a regulamentação dos cursos na referida modalidade tornam os processos desafiadores, especialmente porque a garantia da qualidade das práticas formativas em EaD inspira cuidados e organização estratégica.

No âmbito da formação em saúde, a expansão da educação à distância é incontestável, sobretudo no campo da Enfermagem, em cursos de graduação, pós-graduação, educação permanente ou na educação em saúde.

A mediação possibilitada pela informática na educação é crescente, aumentando as oportunidades de atingir diferentes públicos, superando até mesmo distâncias geográficas (PRENSKY, 2001).

Tendo em vista a expansão do ensino à distância, não faz sentido realizarmos uma leitura ingênua acerca de seus processos educativos. Do mesmo modo, não se pode negar ou rejeitar o EaD de modo acrítico, o que nos leva a concordar com a assertiva de que a educação à distância não deve ser objeto de lamentação, mas, sim, de discussão, reflexão e pesquisa, conforme aponta Pires (2001), citado em Torrez (2012). É justamente a partir desta perspectiva que este artigo traz a proposta de abordar os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia no ensino de enfermagem.

O EaD utilizado para a formação profissional do enfermeiro sempre se confrontou com resistências do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Em seu “Relatório das Audiências Públicas Formação de Profissionais de Enfermagem na modalidade EaD” (2016), o COFEN questiona a qualidade e o perfil dos profissionais que seriam formados em cursos ofertados pela modalidade EaD, dada a ausência de efetiva relação interpessoal, participação em projetos de pesquisa, de extensão, além do convívio acadêmico nos mais diversos espaços instituídos no contexto universitário.

Vale destacar que, em relação aos Cursos de Graduação em Enfermagem, das 116.573 vagas presenciais disponíveis apenas 61.798 haviam sido ocupadas, restando

54.875 vagas ociosas, ou seja, 47,1% (CENSO INEP, 2013). Esse dado teria revelado que as vagas para o ensino presencial estavam sendo subutilizadas. Deste modo, presumia-se ausência de necessidade de oferta em EaD para Enfermagem. Acrescenta-se, contudo, informação sobre evasão de cerca de 30% entre os acadêmicos matriculados nos cursos presenciais.

Segundo argumentação do Cofen (2016), não se tem controle sobre a formação dos tutores ou sobre aquilo que se produz academicamente na formação de enfermeiros em EaD, tampouco se tem controle sobre o modo pelo qual realizam-se mediações entre o “pacote educacional” virtual recebido nos polos e a relação pedagógica estabelecida com os discentes.

Vale salientar, no entanto, que o COFEN não se coloca contrário à Educação à Distância. Há o reconhecimento de seu valor enquanto modalidade de ensino. Todavia, o Conselho se posiciona contrariamente à formação profissional do enfermeiro e do técnico de enfermagem nesta modalidade, especialmente em razão das condições encontradas nos polos EaD pelos fiscais que fizeram reconhecimento e visitas técnicas na “*Operação EaD*” que resultou no *Relatório Consubstanciado da Operação EaD*. A referida ação foi realizada em resposta ao Ministério Público Federal, Ofício LLO/PRDF/MPF nº 2.896/2015, que solicitou posicionamento oficial da autarquia quanto à situação do ensino EaD em enfermagem no contexto nacional. De acordo com o COFEN, a assistência à saúde da população estaria em sérios riscos, tendo em conta os resultados apontados no relatório mencionado (COFEN, 2016).

O posicionamento contrário do Conselho baseia-se no argumento de que a Enfermagem é uma profissão cuja a prática demanda imersão em processos de aprendizagem influenciado pelas relações interpessoais. Os encontros viabilizados nos espaços formais e informais da formação presencial são fundamentais para esta especialidade. Especialmente para o exercício profissional na assistência, qualquer deslize impulsionado pela falta de manejo interpessoal pode representar danos irreparáveis (COFEN, 2016).

Neste ponto, vale resgatar pressupostos de Lev Vygotsky sobre a aprendizagem. Segundo Moysés (1997), citado em Moura (2003), dois fatores são primordiais para a aprendizagem, na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky. O primeiro, e mais importante, é a relação existente entre a aprendizagem que acontece por meio da interação social. O segundo seria o alcance de situações de ensino e aprendizagem capazes de operar na chamada “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP) (VYGOTSKY, 1984).

De acordo com este autor, a ZDP seria a distância entre aquilo que o aprendiz sabe e o seu potencial de aprendizagem. Sendo assim, para que alguém aprenda, considera-se a importância dos conhecimentos constatados no presente momento de determinada situação de ensino-aprendizagem, bem como os alcances prováveis em virtude do potencial de cada aprendiz.

De acordo com esta perspectiva, portanto, a presença física, bem como as interações promovidas no contexto do ensino presencial são fundamentais, embora não sejam determinantes para a ocorrência do desenvolvimento e da aprendizagem, seja no âmbito da Enfermagem ou em qualquer outro.

Há controvérsias, contudo, acerca da efetividade de cada modalidade de ensino utilizada para a formação de profissionais de Enfermagem. Em alguns momentos tem-se o Ministério da Educação favorável à expansão do EaD na saúde como estratégia de ampliação da oferta de Ensino Superior no país, visando alcançar a Meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE), que exige elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50%, e a taxa líquida, para 33% da população entre 18 e 24 anos. Por outro lado, tem-se em muitos momentos a resistência de instituições reguladoras no campo da saúde, como o Conselho Nacional de Saúde (CNS), que desde 2016 externaliza seu posicionamento contrário à autorização de todo e qualquer curso de graduação da área da saúde na modalidade EaD (DIAS; MACHADO, 2020). Diante da complexidade envolvendo a formação de profissionais de Enfermagem, sobretudo no contexto brasileiro, cabe a pergunta: estariam as instituições brasileiras em condições de ofertar cursos de Enfermagem em EaD de modo seguro e qualificado?

O ensino na modalidade EAD constitui-se como uma via privilegiada para ampliar o acesso ao Ensino Superior sem aumentar gastos estatais de forma considerável, podendo elevar as estatísticas do país e fortalecer o mercado educacional. Nesta direção, o Conselho faz a seguinte ponderação: esta modalidade aplicada à formação de profissionais de Enfermagem pode difundir junto à população uma noção de ascensão social via educação superior sem, contudo, tocar nas bases estruturantes da desigualdade no país (COFEN, 2016). Em outras palavras, o COFEN reconhece os riscos de as formações em EaD afastarem-se do posicionamento crítico, complexo, necessário, inclusive, para preservar as conquistas no campo das políticas públicas em saúde, especialmente aquela consolidada pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A despeito das argumentações do Conselho, bem como de outros posicionamentos reticentes à formação de profissionais de Enfermagem através da oferta de cursos em

EaD, faz-se necessário refletir sobre o uso das tecnologias digitais e informacionais adotadas no contexto pandêmico.

A crise sanitária instaurada pela pandemia associada com a COVID-19 colocou, para instituições de ensino superior em todo o mundo, a demanda pela oferta de ensino na modalidade EaD. Ou seja, a imposição do distanciamento social e do fechamento de instituições educativas como medida de proteção promoveu modificações em termos de modalidade de oferta de cursos em todos os níveis, inclusive no nível superior, conforme apontado anteriormente. No caso dos cursos de Enfermagem não foi diferente.

4 O ENSINO EAD NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Diante da atual necessidade de afastamento social devido a pandemia de COVID-19, o Ministério da Educação (MEC) publicou a PORTARIA Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020, a qual estendeu a autorização de aulas à distância em instituições federais de ensino superior até o dia 31 de dezembro de 2020. A partir de então, o debate sobre ensino remoto ou à distância se intensificou. Não apenas o debate, como a prática do ensino por vias não presenciais tornou-se uma realidade.

A referida portaria flexibiliza normas para práticas de laboratório e estágios, que poderiam ser feitos à distância, excetuando-se atividades práticas e estágios para estudantes de medicina matriculados em disciplinas e práticas ofertadas a partir do 5º ano.

O COFEN, mais uma vez, colocou-se em posição contrária. “Estágio não-presencial é uma farsa, um verdadeiro estelionato educacional”, afirmou o presidente do Cofen, Manoel Neri (ASCOM – COFEN 2020). “No caso da enfermagem representa a banalização do ensino. Não podemos permitir que enfermeiros concluam o curso superior sem a realização de estágios onde prestem assistência a pessoas reais. Isto representaria um risco para a população que venha a ser assistida por estes futuros profissionais. Não podemos concordar que em nome da pandemia do novo coronavírus, o MEC, juntamente com segmentos do setor privado da educação, tentem implementar um modelo de ensino tão lesivo à sociedade”, finalizou o presidente do Cofen.

As questões que se colocam, neste ponto, sobretudo por aqueles que defendem o EaD, caminham na seguinte direção: o que definiria ensino à distância? O distante pode ser perto? Estar em frente ou ao lado de alguém significa estar perto? Ao dormir em sala de aula, por exemplo, o aluno estaria perto ou distante? O aluno que devaneia, pensa em sua namorada, em seus filhos, ou que estuda para uma prova de outra disciplina de frente

para o professor, durante uma aula, seria um aluno próximo ou distante? O professor que propõe uma atividade qualquer para o alunado cumprir carga horária em sala de aula, enquanto ele, dentro da mesma sala, corrige provas ou lê qualquer coisa, estaria perto ou distante? Assim, de acordo com Dias e Cassiani (2004), a aula presencial, de “perto”, pode ser muito distante se o aluno estiver de corpo presente e espírito ausente.

E necessário refletir também sobre como eram as aulas nas universidades antes da pandemia. Elas eram realmente presenciais?

Cabe perguntar também se o incremento tecnológico não poderia ser compreendido como um avanço. As tecnologias poderiam funcionar como dispositivos capazes de potencializar os processos formativos ?

Na atual conjuntura, mais do que o uso de tecnologias no ensino, é necessário refletir sobre a abordagem pedagógica que o professor imprime no decorrer do período letivo. Deve-se entender que a tecnologia não é uma ferramenta autossuficiente. Sua aplicação pura e simples não solucionará todos os problemas inerentes ao ensino (BEZERRA, 2020). No entanto, não se pode deixar de considerar os alcances possibilitados pela tecnologia.

Ao que tudo indica, a modalidade EaD tem se tornado mais robusta, desde o início da pandemia. Amplia-se exponencialmente o acesso ao Ensino Superior.

Se há possibilidade efetiva de ampliação do acesso, questiona-se, contudo, as competências e o perfil de profissional a ser formado por meio do EaD.

Em quase todos os estados da Federação constatou-se Moção Pública contra o Ensino à Distância na Graduação de Enfermagem, em apoio ao Projeto de Lei nº 2.891 de 2015 do deputado Orlando Silva (PC do B -SP), que trata da alteração da Lei de Regulamentação de Enfermagem nº 7498 de 1986, para nela incluir a obrigatoriedade de formação exclusivamente em cursos presenciais para os profissionais da área (COFEN 2016).

A Resolução Conselho Nacional de Saúde Nº 515, de 7 de outubro de 2016, em seu Art. 1º, afirma “posicionar-se contrário à autorização de todo e qualquer curso de graduação da área da saúde, ministrado totalmente na modalidade Educação a Distância (EaD), pelos prejuízos que tais cursos podem oferecer à qualidade da formação de seus profissionais, bem como pelos riscos que estes profissionais possam causar à sociedade, imediato, a médio e a longo prazo, refletindo uma formação inadequada e sem integração ensino/serviço/comunidade.

Portanto, frente à rapidez para a implantação das tecnologias digitais, impulsionada ainda mais pelo distanciamento social imposto pelas autoridades, cabe a reflexão sobre o tema e a proposição de avanços nas investigações sobre a qualidade do ensino e a viabilidade dos processos de aprendizagem no âmbito do EaD.

Segundo Gallagher-Lepak (2011), citado em Cogo et al. (2011), as tecnologias digitais da informação e da comunicação estão sendo utilizadas nos cursos de graduação e de pós-graduação em enfermagem, tanto no Brasil como no exterior. A integração de temas e de grupos de alunos, muitas vezes distantes geograficamente, ocorre em virtude do alcance dos dispositivos tecnológicos.

As aplicações da informática no ensino de enfermagem foram destacadas como sendo úteis e motivadoras pelas docentes entrevistadas, durante pesquisa realizado por Cogo et al. (2011). De acordo com as respostas dos participantes da investigação, a utilização de tecnologias disponibiliza acesso a muitas informações, rompe com distâncias geográficas, desenvolve o pensamento crítico e as habilidades de comunicação junto aos alunos de enfermagem.

Na educação à distância (EaD), o ambiente virtual de aprendizagem concentra ferramentas tecnológicas que podem ser utilizadas na mediação do processo de aprendizagem, tais como: bate-papo, materiais disponibilizados na biblioteca digital, fórum de discussão, texto colaborativo, dentre outras possibilidades (COGO et al., 2011).

De acordo com o mesmo estudo, as mudanças no ensino de Enfermagem trazem uma necessidade de reavaliação de práticas docentes, com adequado gerenciamento de carga de trabalho de professores. No estudo mencionado, participantes apontaram tópicos e atividades que não poderiam ser abordados na modalidade EaD. Mesmo assim, ressaltaram que seria possível contar com o apoio das tecnologias digitais e informacionais para o aprendizado de temas e de práticas realizadas presencialmente. Assim, acesso viabilizado, seja em decorrência do encurtamento de distâncias geográficas, ou em função da necessidade de se flexibilizar os horários de estudo, seria um aliada importante na inclusão de alunos trabalhadores e na efetivação da formação continuada dos profissionais de enfermagem (COGO et al., 2011).

As possibilidades metodológicas na utilização de tecnologias educacionais digitais do ensino de Enfermagem destacadas pelas participantes do estudo em destaque sinalizam para a aplicação de práticas pedagógicas ativas, com o professor assumindo a orientação do aprendizado e com o aluno comprometendo-se de forma diferenciada com o seu processo de aquisição do conhecimento (COGO et al., 2011).

5 ASPECTOS POSITIVOS DO EAD

Várias possibilidades associadas ao uso da EaD foram reconhecidas, destacando-se flexibilidade de tempo e local para estudo, baixo custo, redução de deslocamento, agilidade no acesso às várias fontes de informação e aprendizado colaborativo. Estas facilidades também foram verificadas em estudos realizado por De Castro Silva et al. (2016). Segundo os mesmos autores, não se trata de descaracterizar o objeto do cuidar como a base do conhecimento em enfermagem, mas de enriquecê-lo para além dos muros da universidade. A formação de profissionais de enfermagem transcende os limites das relações entre professores e alunos, entre o espaço externo e interno à universidade. “A rede de conhecimentos na EaD é tecida e sobrevive a partir de compartilhamentos e interações. É nesse universo que a Enfermagem tem sido envolvida e não deve alijar-se desse processo” (DE CASTRO SILVA et al., 2016, p. 136). “As atividades mediadas por computador exigem novas habilidades pedagógicas e de manuseio do grande contingente de informações distribuído na web” (COGO et al., 2011, p. 660).

De acordo com Cogo et al. (2011), por um lado, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) criam oportunidades de acesso para o ensino em um movimento de transposição de distância e de espaços temporais; por outro lado, de acordo com os mesmos autores, tal modelo demanda tanto de professores quanto de alunos uma capacidade de se organizar. Muitas vezes, de acordo com os autores, as atividades mediadas por computador são mais extensas do que aquelas desenvolvidas no modelo de ensino presencial.

As docentes participantes do estudo de Cogo e colaboradores (2011) alertam que a grande quantidade de informações deixa os estudantes inquietos. As dificuldades estariam associadas com falta de organização e de estrutura de parte de muitos estudantes. Deste modo, “a necessidade de aperfeiçoamento frente às inovações que se apresentam no dia a dia do professor é a busca permanente de um conhecimento dinâmico que deve ser revisitado e revisto” (COGO et al., 2011, p. 663).

6 ASPECTOS NEGATIVOS DO EAD

O fato de não haver presença física do professor, pode influenciar o grau de envolvimento dos discentes. A falta de interatividade na relação professor-aluno deixaria os discentes em situação de fragilidade pedagógica, uma vez que muitos conceitos podem ser devidamente compreendidos a partir da participação criativa e colaborativa de

professores em meio às interações promovidas em salas de aulas (FRANCO, 2016 apud Souza, 2020).

A conquista da autonomia do acadêmico é outro desafio neste contexto. O ensino à distância requer avaliação contínua a fim de promover nos alunos habilidades e competências para a autorregulação e o autocontrole fundamentais à aprendizagem.

Apesar da ampliação das possibilidades de aprendizado e das facilidades que a EaD proporciona aos discentes de Enfermagem, algumas dificuldades se destacam. Muitas estão relacionadas aos aspectos estruturais, vinculados ao acesso às tecnologias (hardware, software e conectividade), enquanto outras referem-se às perdas atreladas com a falta de engajamento na relação professor/aluno. Ressalta-se ainda como desafio a relação de dependência entre alunos e professores, sendo esta uma herança de um modelo de ensino tradicional e pouco afeito à inovação, desde a base até o ensino superior.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reflexão oportuniza muito mais do que respostas para as questões. Ele aponta a descoberta de novas inquietações, capazes de gerar outras reflexões, explicitando o não esgotamento das possibilidades para responder a uma demanda (DIAS; MACHADO, 2020).

Neste texto enfatizou-se que, apesar de o ensino remoto ser um recurso alternativo ao distanciamento social imposto pela crise mundial de saúde pública, em virtude da pandemia gerada pelo novo coronavírus (Covid-109), não podemos comprometer a qualidade do ensino.

Especialmente nos cursos de saúde, tal como é o caso dos cursos de enfermagem, constata-se a exigência pela preservação do acesso às condições para o desenvolvimento de habilidades e competências para a prática profissional. Tais condições associam-se com vivências interpessoais e práticas realizadas dentro e fora de instituições de ensino superior. O contato presencial é fundamental, sobretudo para a formação de profissionais da saúde.

A prática da Enfermagem se baseia em competências adquiridas em situações de estágio, no espaço de contato com profissionais experientes, por meio do elo entre universidade e instituições de saúde.

Dada a ausência de efetiva relação interpessoal, do contato humano possibilitado pelos diversos encontros promovidos no cotidiano acadêmico, em meio aos projetos de pesquisa e de extensão, bem como diante do acesso aos serviços e até mesmo às

manifestações estudantis, comuns durante a jornada de formação acadêmica, a formação na modalidade EaD inspira cuidados e bastante ponderação.

Conforme transcrito neste texto, a modalidade EaD aplicada no Brasil ainda não assegura qualidade e segurança para os profissionais que prestarão assistência à população.

É importante destacar que, na modalidade à distância empregada no contexto da pandemia, que exige distanciamento, as tecnologias digitais e informacionais mostraram-se relevantes. A crise permitiu a criação de alternativas ao ensino e à aprendizagem. Ou seja, o emprego desta modalidade mostrou-se relevante para atender a essa demanda pontual. No entanto, o ensino em EaD deve ser praticado em caráter complementar, e não substitutivo, ao ensino presencial.

Por fim, considera-se a importância de as práticas formativas em Enfermagem fomentarem autonomia, compromisso com a ética e com a promoção de saúde na perspectiva da integralidade. Assim sendo, seja por meio do ensino massivamente presencial, ou através das práticas em que as tecnologias digitais e informacionais são utilizadas como incremento, o aluno não deve ser considerado apenas um receptor de ideias, conteúdos e informações. Torna-se necessário viabilizar aos estudantes possibilidades diversas para que eles possam atuar como agentes interativos no processo educacional (PRADO, 2012).

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. 2020. A pandemia do COVID-19: choques nas respostas à educação e às políticas . Banco Mundial, Washington, DC. © Banco Mundial. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/33696> Acesso em: 20/06/2020.

BRASIL, *Decreto n. 5.622 de 19 de dezembro de 2005 (BR)*. Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Publicado no Diário Oficial da União (dez. 20, 2005). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf> Acesso em: 11/06/2020.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação*. Brasília, DF: INEP, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf Acesso em: 11/06/2020.

FONG MW, Gao H, Wong JY, Xiao J, Shiu EYC, Ryu S, et al. Nonpharmaceutical measures for pandemic influenza in Nonhealthcare Settings-Social Distancing Measures. *Emerg Infect Dis*. 2020;26(5). DOI: <https://doi.org/10.3201/eid2605.190995> Acesso em: 10/06/2020.

PRADO C, Santiago LC, Silva JAM, Pereira IM, Leonello VM, Otrenti E, et al. Ambiente virtual de aprendizagem no ensino de enfermagem: relato de experiência. *Rev Bras Enferm*. 2012; 65(5): 862-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v65n5/22.pdf>. Acesso em: 11/06/2020.

PRENSKY M. Digital natives, digital immigrants. *Horizon [Internet]*. 2001 [cited 2011 Mar 26];9(5). Available from: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 09/06/2020.

PIRES, Hindenburgo Francisco. 2001. Educação a distância não se lamenta, discute-se. *Advir*, n. 14, p. 3

CORRÊA, Stevan de Camargo; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. *Preconceito e educação a distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância*. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 273-297, dez. 2009. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/926/941>. Acesso em: 11/06/2020.

COFEN, Conselho Federal de Enfermagem. *Relatório das Audiências Públicas Formação de Profissionais de Enfermagem na Modalidade a Distância*. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/RELAT%C3%93RIO-AUDI%C3%84NCIAS-P%C3%94BLICAS-%E2%80%93-FORMA%C3%87%C3%83O-DE-PROFISSIONAIS-DE-ENFERMAGEM-NA-MODALIDADE-EAD-final-1.pdf>. Acesso em: 06/06/2020.

BEZERRA, I. M. P. Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do corona vírus TT - State of the art of nursing education and the challenges to use remote technologies in the time of corona virus pandemic. **Journal of Human growth and development**, v. 30, n. 1, p. 141–147, 2020.

Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1094937>>. Acesso em: 11/06/2020.

COGO, A. L. P. et al. , Eva Neri Rubim Pedro.

Tecnologias digitais no ensino de graduação em enfermagem: as possibilidades metodológicas por docentes. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 13, n. 4, p. 657–664, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/12562/10201>>. Acesso em: 11/06/2020.

DE CASTRO SILVA, L. T. et al. Percepções De Estudantes De Enfermagem Sobre Educação a Distância. **Ciencia y enfermería**, v. 22, n. 2, p. 129–139, 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v22n2/art_10.pdf> Acesso em 06/06/2020.

DIAS, L.; MACHADO, S. Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. 2020.

No Title. v. 2020, p. 1–19, 2020. Disponível em:<<https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/86229/75046>>. Acesso em 11/06/2020.

DIAS, D. C., & Cassiani, S. H. D. B. (2004). Educação de Enfermagem sem distâncias--uma ruptura espaço/temporal. *Revista Da Escola de Enfermagem Da U S P*, 38(4), 467–474. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n4/13.pdf>>. Acesso em 11/06/2020.

LA TAILLE, Y. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: Piaget, Vygotsky, Wallon. São Paulo, Summus, 1992.

LITTO, F. M., & Formiga, M. M. M. (2009). *Educação a Distância: O estado da arte. Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53). <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>

MOURA, M. O., & Moretti, V. D. (2003). Investigando a aprendizagem do conceito de função a partir dos conhecimentos prévios e das interações sociais. *Ciência & Educação*, 9(1), 67-82. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n1/06.pdf>> Acesso em 06/06/2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. 1 Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura).Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/879/1017>> Acesso em 09/06/2020

TORREZ, M. N. F. B. (2012). Educação a distância e a formação em saúde: nem tanto, nem tão pouco. *Trabalho, Educação e Saúde*, 3(1), 171–186. <https://doi.org/10.1590/s1981-77462005000100009> Acesso em 09/06/2020

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

SOUZA, CJ, Guerra, TRB, Carvalho, DS, Jesus, RVL, Costa, LHO, Issobe, MK, Vieira, HLS, Santos, DA & Zamba, CFS. (2020). **The (re) invention interfaces of undergraduate teaching in nursing in time of COVID-19. Research, Society and Development**, 9(7): 1-19, e289974190.

DIAS, L.; MACHADO, S. Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. 2020.
No Title. v. 2020, p. 1–19, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 544, De 16 de Junho de 2020**, Brasília. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> Acesso em: 18/06/2020.